

RETÓRICA E ANTONIO VIEIRA: NOVOS OLHARES

Vinícius Pimenta Silvaⁱ

Marcelo Silveiraⁱⁱ

Resumo: Este artigo tem como fim fazer um estudo dos recursos retóricos, baseados na classificação de Aristóteles em seu livro III que compõe a Retórica e aplicá-los ao Sermão da Primeira Dominga de Quaresma. Tem como objetivo provar as aplicabilidades da Retórica como ciência e também proporcionar aos leitores, tanto do pensador quanto do padre, melhor compreensão de seus textos. Por fim, é também nossa intenção oferecer àqueles que apreciam a leitura de Vieira, arcabouço teórico para que possam, de maneira consciente, chamar o grande jesuíta de Mestre da Retórica, uma vez que esse codinome tem lhe sido atribuído de maneira correta, mas inconsequente.

Palavras-chave: Padre Antônio Vieira. Aristóteles. Retórica. Sermão da Primeira Dominga de Quaresma.

Abstract: This paper aims to study the rhetorical devices, based on Aristotle's classification in his book III, which is part of the Rhetoric, and to apply them to the Sermon for the First Sunday in Lent. It aims to prove the applicability of Rhetoric as a science and also to provide the readers, both the thinker and the priest, better understanding of their texts. Finally, it is also our intention to offer those who enjoy reading Vieira a theoretical framework so that they can, consciously, attribute to the great Jesuit the epithet Master of Rhetoric, since such denomination has been assigned to him correctly, but inconsequentially.

Keywords: Father Antonio Vieira. Aristotle. Rhetoric. Sermon for the First Sunday in Lent.

ⁱ Graduando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: vinicius.lettras@yahoo.com.br.

ⁱⁱ Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: celosilveira@gmail.com.

Introdução

A produção deste visa não apenas demonstrar a aplicabilidade da Retórica como ciência autônoma e tornar a leitura de Aristóteles e Vieira compreensível, mas também é de nosso interesse expor análises e ideias para que possamos construir novos textos sobre o assunto.

Antes de iniciar a análise do sermão de Vieira sob a ótica de Aristóteles e seu texto, apontaremos o momento pelo qual nosso país estava passando e o motivo que levou os estudos a lograrem tamanha atenção por determinado tempo, posteriormente desaparecendo quase que completamente, não apenas em nosso país, mas em boa parte do mundo. Optamos, então, por seguir a ordem acima estabelecida antes de tomar o texto do jesuíta para análise.

A Retórica surge a partir de uma necessidade. Algum tempo após o seu surgimento, o povo percebeu a importância da ciência na vida pública e transferiu o estudo para as academias. Expressando-se de maneira simplória, é assim que a Retórica tem seu início. É inegável a relação entre o surgimento da ciência e o discurso judiciário, uma vez que a Retórica inicialmente ajudou proprietários de terras, no século I a.C, a recuperarem suas terras tomadas por bandidos. O grande Tratado surge quando o estagirita compila os conhecimentos acumulados sobre o assunto em questão, de 485 a.C. até o seu tempo.

Vale apontar que o estudo da Retórica não permaneceu intocado. Mesmo que consideremos completo, muitos e significativos foram os acréscimos a ele. O principal deles e que chegou a Antônio Vieira é o feito durante a idade Média. A Retórica Antiga e a Clássica possuem diferenças. A principal dentre elas consiste no acréscimo da Memória como parte do sistema Retórico, feito por Quintiliano, anteriormente composto por invenção, disposição, elocução e ação.

A Retórica e seus estudos chegam ao território brasileiro nesse contexto de embate, se assim podemos dizer, entre a Retórica Clássica e a Antiga.

Os responsáveis pela chegada da Retórica ao nosso país, não como estudo, mas como ferramenta aplicável, foram os padres jesuítas. Eles vieram ao Brasil com a função de catequizar os habitantes do Novo mundo – os índios. Os motivos pelos quais em pouco mais de cem anos os padres de catequizadores passaram a reguladores do Estado não cabem aqui. Contudo, podemos inferir que a Retórica em muito influenciou.

A ciência perdeu espaço somente há pouco tempo, quando junto à dialética, foi menos privilegiada pelos currículos escolares em relação à gramática. Hoje, no entanto, alguns pesquisadores têm voltado sua atenção novamente para a Retórica. Citamos, como exemplo, os tradutores de nossa edição da *Retórica*, Manuel Alexandre Junior, Paulo Alberto e Abel Pena, além de outros como Radamés Manosso e Adilson Citelli. Avançamos para o contexto em que o sermão foi produzido.

Em uma das muitas publicações dos sermões pertencentes a Antônio Vieira, a editora Martin Claret, José Verdasca, para explicar o contexto em que eles foram produzidos, reserva apenas um parágrafo e aponta que o texto que estudaremos foi pregado na cidade de São Luís do Maranhão, em 1653, que conseguiu o objetivo máximo do orador e que a liberdade dos índios fosse garantida. As informações acima estão corretas. Levando em consideração o fato de o livro não ser destinado a um público mais criterioso, o que foi dito é suficiente. Mas, se um leitor mais crítico precisasse se aprofundar no assunto, seria necessário procurar outros meios.

Para esse trabalho que deseja, além de provar a aplicabilidade da Retórica, tornar os textos de Vieira mais acessíveis aos leitores, valer-nos-emos da dissertação de Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto (2009). Nela, o autor discorre sobre questões voltadas aos sermões da Quaresma produzidos pelo padre barroco. Como trataremos apenas do Sermão da Primeira Domingo de Quaresma, somente uma pequena parte de um trabalho mais completo será aqui utilizada.

O texto, como quase todos os sermões naquela época, foi concebido para ser recitado em público. Não a qualquer auditório; à elite. O Rei acabara de assinar um acordo que limitava a escravidão indígena na colônia do Brasil. Tal feito não agradou em nada os poderosos, pois o acordo os prejudicava diretamente. Grandes foram, então, as manifestações, não apenas contra a libertação dos cativos, mas também contra os missionários da Companhia de Jesus, que, já naquela época, acumulavam inimigos. A situação estava descontrolada nesse momento de revoltas, então Antônio Vieira engendrou uma reunião com a autoridade militar e administrativa máxima da época: o capitão-mor. Em cartas, atualmente acumuladas no Museu da Companhia de Jesus, Vieira escreve que as partes entraram em acordo e a igreja interviria no assunto tratando-o no púlpito. Posteriormente, o próprio Vieira escreve sobre o sucesso de suas palavras, como Pinto escreve em seu texto.

Podemos sublinhar o incrível poder de persuasão de Vieira e também do púlpito. Naquela época, apenas ameaçar um fiel com a ida ao inferno já bastava para apascentar o mais terrível auditório. Essa era a extensão da influência da Companhia de Jesus no Brasil. Com ameaças, ora implícitas, ora não, os Padres mantinham a população sob a autoridade do Rei e da Fé. As ameaças somadas à Retórica garantiram o poder da Companhia de Jesus por um longo tempo.

1 Retórica no Sermão da Primeira Domingo de Quaresma

Passemos, então, a analisar o quanto o estagirita influenciou o padre barroco. Uma última ressalva precisa ser feita. Muito embora tenhamos mencionado, já no resumo, lembramos que nossa análise é direcionada. Poremos foco no Sermão da Primeira Domingo de Quaresma levando em consideração somente o livro III da *Retórica* de Aristóteles. Os dois livros iniciais analisam as provas lógicas e as emoções. Por sua vez, o livro que utilizaremos discorre a respeito do estilo e a composição do discurso.

Os pontos do terceiro livro que serão tratados neste artigo são: qualidades do enunciado, clareza; o uso de Símbolos; correção gramatical; adequação do estilo ao assunto; metáfora e as partes do discurso.

Ao tratar sobre a clareza, primeiro item do terceiro livro de Aristóteles, em Antônio Vieira iniciamos, enfim, a análise.

Aristóteles aponta em sua *Retórica* que “a virtude suprema da expressão enunciativa é a clareza” (MESQUITA, 2012, p. 176), mas não a define.

Para que o texto seja considerado claro, segundo Aristóteles, três são os fatores principais a serem observados. Interessante apontar que, para o aluno de Platão, a natureza de um discurso claro não era problema passível de análise. O primeiro fator que torna um discurso facilmente compreensível diz respeito ao uso de nomes e verbos. As classes de palavras mencionadas, quando se apresentam no texto, tornam-no mais simples, ao contrário do que acontece, por exemplo, com adjetivos e advérbios e classes com funções semelhantes a essas. Podemos encontrar esse fator em Vieira quando define o tema de seu sermão:

A que escolhi das três (tentações de Cristo) não foi a primeira nem a segunda, senão a terceira e última, porque ela é a maior, porque ela é a mais universal, ela é a mais poderosa e ela é mais própria desta terra em que estamos (VERDASCA, 2011, p. 32).

Embora notemos a presença do adjetivo “poderosa”, vemos que está sozinho em meio a uma quantidade maior de nomes e verbos. Existe repetição desse recurso de clareza ao longo do texto de Antônio Vieira.

O segundo fator a se discorrer relativo à clareza é o não uso de palavras e expressões difíceis. Palavras raras, termos compostos e neologismos não são recomendáveis para o bom orador, que precisa evitá-los, pois, ao serem usados, podem levar o ouvinte a se questionar a respeito do significado dessas palavras e a perder o foco do assunto e da deliberação. No texto de Antônio Vieira, vemos que a seleção lexical leva qualquer ouvinte ao entendimento pleno da mensagem, pois esta prima pela compreensão e não por enaltecer o orador.

O último fator a se apontar no que concerne à clareza é o uso de metáforas. Para Aristóteles, o uso é extremamente recomendável, quando não em excesso. Mais adiante trataremos detidamente sobre o assunto e exemplificaremos, mas, por já, podemos expor que Vieira permeia seu texto de metáforas de todos os tipos.

Vimos que o primeiro aspecto referente ao terceiro livro, a clareza, está presente no texto de Vieira. Isso, como acima mencionado, pode apontar que Vieira estudou e aplicou a Retórica de Aristóteles em seus sermões. Tal informação pode ser corroborada pelo fato de Vieira ter sido professor de Retórica, e Aristóteles ser referência no assunto.

Após expormos a existência da clareza no texto de Antônio Vieira, podemos passar ao próximo aspecto da Retórica presente no Sermão da Primeira Dominga: o uso de símiles.

Ao contrário da Metáfora, Aristóteles não discorre longamente a respeito do símile; dedica apenas uma página. Sobre essa ferramenta, o pensador não escreve figura de linguagem, traça comparação com a metáfora, dizendo que são parecidas, mas têm suas peculiaridades. De maneira mais simples, pois vamos nos discorrer um pouco mais ainda nesta pesquisa, no símile existe emparelhamento de sentido entre um termo e outro, na metáfora existe completa substituição por transferência. Trazemos um exemplo do próprio Aristóteles ao se referir a Aquiles: “lançou-se como um leão” é símile, e “lançou-se um leão” é um enunciado metafórico.

Em Vieira, encontramos o símile presente e bem demarcado. O padre, em um dos símiles que utiliza, traça relação entre o diabo e um anacoreta. Em

“Vai-se o demônio ao deserto, está-se nele há quarenta dias e quarenta noites, como se fosse um anacoreta [...] não deixou pedra por mover para a conseguir [alma]” (VERDASCA, 2011, p. 36), através do elemento “como” existe explícita comparação entre o inimigo mortal da religião cristã e o monge que tem por característica acompanhar e ajudar viajantes.

Vieira ainda vai utilizar em seu texto outros símiles. O que dissemos aqui mune o leitor para encontrar os outros.

O próximo ponto do terceiro livro presente no texto de Vieira e do qual trataremos aqui é a correção gramatical. Sabe-se que os gregos não foram os pioneiros em análises gramaticais, isso faz com que o presente tópico em Aristóteles seja um pouco confuso e carente de termos técnicos.

Ao discorrer sobre correção gramatical, o estagirita diz que “O princípio básico da expressão enunciativa, porém, é falar corretamente” (MESQUITA, 2012, p. 187). Novamente podemos traçar algumas linhas a respeito do assunto.

Aristóteles, em seu texto, aponta que, para falar corretamente, cinco são os fatores principais. O primeiro diz respeito à correção na colocação das partículas. Como escrevemos acima, os gregos, até Aristóteles, não haviam feito grandes avanços em análises gramaticais, mas podemos entender que, para falar corretamente, é necessário ligar corretamente o nome ao verbo.

O segundo fator do falar corretamente é se expressar por meios específicos e não gerais.

O terceiro fator diz respeito ao evitar usar vocábulos ambíguos. Esse tópico vai ao encontro da clareza. Na Retórica, vemos que o grande pensador busca a objetividade. Mais de uma vez, no entanto, ele aponta para o caráter subjetivo da poesia. Somos instruídos a usar esses vocábulos ambíguos nela. As palavras, no texto de Vieira, que nos parecem de difícil compreensão estão situadas no contexto dos primeiros ouvintes do sermão, por isso podemos dizer que elas não são de difícil compreensão.

O quarto e quinto fator estão ligados à concordância nominal e verbal. A saber distinguir masculino, feminino e neutro bem como fazer o bom emprego do plural. Tais tópicos são facilmente observáveis ao longo do texto de Vieira.

Concluído o ponto correção gramatical do terceiro livro, este totalmente voltado ao texto, podemos passar à Adequação do estilo ao assunto, que por sua vez volta seus olhos a algo exterior à produção.

Segundo Aristóteles, “o estilo apropriado torna o assunto convincente”. Estilo precisa ser entendido como expressão de emoções e caracteres. No presente capítulo serão feitas algumas lembranças quanto às emoções tratadas nos livros anteriores. O estilo está ligado ao convencimento.

O orador, ou autor, precisa conhecer muito bem seus ouvintes para criar uma *persona* que corresponda à necessidade desses e a entenda. Não basta apenas ter em mente argumentos bem elaborados ou mesmo provas incontestáveis. Ao orador cabe a tarefa de se fundir a essa *persona* de uma maneira tão impecável e apaixonada que leve o ouvinte a pensar que está dizendo a verdade. É um trabalho árduo e inicialmente difícil de ser posto no texto. Vieira, contudo, atinge essa proximidade de maneira textual.

Porque são uns homens [...] que me buscam todos os dias e fazem muitas coisas em meu serviço, e sendo que têm gravíssimos pecados de injustiças vivem tão desassustados, como se estivessem em minha graça” (VERDASCA, 2011, p. 38).

Vemos no trecho acima que nas expressões “me buscam” e “como se estivessem em minha graça”, o grandiloquente Padre Antônio Vieira toma a voz de Deus para falar ao povo. Tal fato se justifica no desejo de proximidade entre o jesuíta e seus ouvintes, que aparentemente sabem do que ele vai tratar. O recurso se repete ao longo de todo o sermão. Essa proximidade travada entre orador e auditório visa acalmar o último.

Vale lembrar que, na Retórica, duas são as recomendações principais no que concerne ao estilo: ir contra os pressupostos torna o texto uma comédia, e o rústico e o instruído não falam do mesmo modo, por isso diferente tratamento na linguagem para textos destinados a eles é necessário. Quanto à primeira recomendação, pouco podemos acrescentar, mas, quanto à segunda, gostaríamos de novamente pôr nossos olhos no texto de Vieira. A linguagem é trabalhada de forma a confundir um leitor atual. Vieira burlou a última recomendação apontada aqui e conseguiu construir um texto aplicável a qualquer auditório da época.

Ainda a respeito da aproximação de Vieira em relação ao seu auditório, assunto pertinente ao tema adequação do estilo e assunto, gostaríamos de apontar a parte inicial do Epílogo do Sermão:

Ora, cristãos e senhores da **minha** alma, se nestas verdades e desenganos, que acabo de vos dizer, se nesta **minha breve proposta** consiste todo o **vosso bem** e toda a **vossa esperança espiritual** e temporal; se só por estes caminhos vos podeis segurar nas consciências [...] é tão pouco e pode ser que não seja nada; e

as conveniências e bens, que daí se espera, são tão consideráveis [...] que homem haverá tão **mau cristão** [...] **mal entendido**, [...] **esquecido de Deus** [...] que se não contente de uma coisa tão justa e tão útil, que a não queira, que a não aprove, que a não abrace? (VERDASCA, 2011, p. 45, grifo nosso).

Seguindo a ordem anteriormente proposta, entramos talvez no tópico mais complexo do terceiro livro de Aristóteles: a Metáfora. O pensador, em seu tratado, que serve de guia para o presente texto, não define a ferramenta, uma vez que já o fez em outro texto: a Poética. Nele explicita que “A metáfora é a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa [...] por analogia” (ARISTÓTELES, 2004, p. 83). O recorte da citação foi feito por abarcar também o conceito de sinédoque e metonímia, que Aristóteles não diferencia, mas para o que entendemos por metáfora, não é aqui utilizável. A metáfora se daria quando duas expressões, ou termos, são emparelhadas e através de características comuns existiria substituição de uma pela outra.

Aristóteles define metáfora em um livro e exemplifica em outro. Existe apenas a diferença de abordagem: na Poética o autor volta seus olhos aos textos artísticos e na Retórica, aos que destacam os estudos que já vimos acima.

A metáfora e suas múltiplas abordagens em Aristóteles merecem um trabalho específico. Mas, para este, que prima em apontar o uso da Retórica aos sermões de Vieira, o que foi dito basta.

No texto de Antônio Vieira, encontramos a metáfora presente. Isso se justifica pelo caráter simplificador que ela tem. Destacamos uma das metáforas em que o padre ameaça seus fiéis com o fogo do inferno. Em “E quereis queimar a vossa alma?” (VERDASCA, 2011, p. 36), o jesuíta constrói uma metáfora para perdição. Vemos que existe um emparelhamento de sentido entre “queimar a vossa alma” e perdição ou danação; em ambas o pecador se perde de maneira irremediável. Tanto é que, ao mencionar a alma, pressupõe-se que o corpo já se foi antes.

2 As partes do discurso

Tratamos, até aqui, de alguns pontos da Retórica presentes no texto de Padre Antônio Vieira. Eles sozinhos, ao se apresentarem no Sermão da Primeira Dominga de Quaresma, podem demonstrar que o padre leu Aristóteles e o fator “As Partes do Discurso” se somam a essa demonstração.

O estagirita, em seu tratado, escreve que duas são as principais partes do discurso: Exposição e Provas, que são, ambas, inerentes a qualquer discurso retórico. Nos três gêneros do discurso: deliberativo, epidíctico e judiciário, o que deve variar são as maneiras como eles começam e terminam. O sermão de Padre Antônio Vieira tem características do gênero epidíctico, assim não trataremos dos outros dois.

As partes do gênero epidíctico são: proêmio, narração, prova ou demonstração, interrogação e epílogo. Passaremos, então, ao estudo de cada uma das partes do discurso e da exemplificação no texto de Vieira.

O Proêmio, para Aristóteles, é a parte do texto que introduz o assunto. Mas não apenas isso. Vemos que, além de introduzir, é no Proêmio que o orador começa a travar relações com o auditório, sejam essas de elogio ou censura. No texto de Vieira, o padre claramente está reprovando a atitude do povo do Maranhão. Como já vimos, além de estarem contra um decreto real, contra a Companhia de Jesus, os membros daquele povo acumulavam escravos de maneira ilegal.

Mesmo que acima tenhamos dito que em vários momentos do texto, mesmo no início, no Proêmio, Vieira tenha tentando estabelecer relações paternas com os fiéis, na primeira parte do texto, o que se destaca é a censura. Importante dizer que ela escapa ao Proêmio, mas se inicia nele.

Quanto à Narração, uma pequena diferenciação precisa ser feita. Não se pode confundir Narração em Aristóteles com narração em um sentido de narrativa. Para o pensador, a Narração diz respeito às provas externas ao discurso e como elas são apresentadas. No discurso epidíctico, Aristóteles aponta que “a narração nos discursos epidícticos não é contínua, mas sim articulada em seções, pois é forçoso percorrer os fatos de que o conteúdo trata.” (MESQUITA, 2012, p. 223). A palavra-chave para entendimento do que viria a ser Narração é “fato”. Simpliciter, é na Narração que o orador apresenta os fatos que o levaram a deliberar sobre um assunto. Esse componente da Parte do Discurso deve, segundo o estagirita, esbarrar no componente ética, na Retórica entendido como o que é bom e agradável.

A Narração, como dito acima, não é contínua. Vemos no texto de Vieira essa fragmentalidade. Em vários momentos ela aparece. Podemos destacar, contudo, a primeira vez em que ela aparece. Em “E só nós somos tão baixos estimadores de nossas almas, que lhas vendemos pelo preço que sabeis” (VERDASCA, 2011, p. 34), vemos que o padre jesuíta dá início a expor um dos

motivos que o levaram até o púlpito deliberar sobre o assunto: a falta de estima dos pecadores por suas almas.

Quanto às provas e demonstração, Aristóteles em seu texto escreve que sempre que um ponto (prova) é posto no discurso, ou no texto, faz-se necessária uma demonstração acerca dele. Para o pensador, “É necessário que as provas sejam demonstrativas” (MESQUITA, 2012, p. 227). Ou seja, uma ação vem acompanhada da outra. Na demonstração, após a exposição das provas, é necessário haver amplificação para tornar os fatos dignos e belos ou ainda indignos e reprováveis. Vieira, em seu texto, aponta, quando discorre a respeito dos pecados do Maranhão, que “Este é o contrato que demônio faz convosco; e não só lho aceitais, senão que lhe dais o vosso dinheiro em cima” (VERDASCA, 2011, p. 37). A escravidão, embora totalmente reprovável, não é nada perto da danação eterna e da reprovação da Igreja. A única consequência em vida para os fiéis seria a culpa, a qual é amplificada por Vieira. Também, na demonstração, faz-se necessário combinar o conteúdo, no caso de Vieira, de censura, com episódios laudatórios. Essa ação atenua a tensão causada pela primeira e aproxima os ouvintes, ou leitores, do orador. Normalmente ela, em textos epidícticos, localiza-se ao longo do texto. Em vários momentos do texto de Vieira, ela se apresenta fortemente, como no exemplo já mencionado: “Porque são uns homens [...] que me buscam todos os dias e fazem muitas coisas em meu serviço [...]” (VERDASCA, 2011, p. 38).

A Interrogação em Aristóteles consiste em uma Parte do Discurso com caráter pré-conclusivo e seu uso é recomendado pelo estagirita em contextos muito particulares. Ele, inclusive, escreve que, caso algum orador faça uso desse recurso fora dos três contextos propostos, pode contar com a derrota e humilhação. A Interrogação não é largamente definida em Aristóteles e na sua Retórica. Ele aponta unicamente que a Interrogação é uma pergunta feita como ou antes da conclusão, nunca depois dela, ou para desestabilizar o inimigo, no caso do judiciário.

Em Antônio Vieira, existe um largo uso da Interrogação ao longo do texto. O que nos pareceu mais propício para exposição, por parecer mais bonito e lógico, consiste em “Se até o mesmo Deus é tentado, que homem haverá que não tema ser vencido?” (VERDASCA, 2011, p. 31). Essa Interrogação foi bem recebida, pois naquele auditório havia apenas fiéis pertencentes à religião do crucificado; caso fosse proferida para um auditório de ateus, provavelmente

todos levantariam as mãos e Vieira teria sido derrotado já na primeira parte do Sermão. Como o padre conhecia seu público, isso não aconteceu.

A última Parte de Discurso corresponde ao Epílogo. Aqui, Aristóteles oferece uma detalhada série de recomendações quanto à última parte do texto. O estagirita recomenda tornar o ouvinte favorável à causa do orador. Para ele é essencial, através da postura e das emoções, tornar o ouvinte simpático ao orador. No texto de Vieira, podemos perceber que isso é feito através de elogios ao povo e aproximando-se deles. Em “Ora, cristãos e senhores da minha alma, se nestas verdades e desenganos que acabo de vos dizer” (VERDASCA, 2011, p. 45), isso fica evidenciado. O próximo passo do Epílogo, segundo Aristóteles é amplificar ou minimizar. Correspondente a isso no texto de Vieira, vemos que ele traça um perfil do mau cristão. Palavras como “cego”, “desleal” e “inimigo de si mesmo” (VERDASCA, 2011, p. 45) tornam isso claro. Depois de amplificar ou minimizar, despertar emoções é o próximo passo do Epílogo. Em Aristóteles a recomendação é de “dispor o ouvinte a um comportamento emocional” (MESQUITA, 2012, p. 234), mas poucas são as recomendações feitas quanto a isso. No Sermão da Primeira Domingo de Quaresma, Vieira invoca um comportamento emocional em:

Deus, para vos sustentar e para vos fazer ricos, não depende de que tenhais um tapuia ou menos. Não vos pode Deus dar maior movidade com dez enxadas que todas as vossas diligências com trinta? Não é melhor ter dois escravos que vivam vinte anos, que ter quatro que vos morram ao segundo? [...] Pois se Deus é o senhor das novidades da terra; se Deus é o Senhor dos fôlegos dos escravos; se Deus é o Senhor dos ventos, dos Mares, dos corsários e das navegações; se todo o bem ou mal está fechado na mão de Deus; se Deus tem tantos modos tão fáceis de vos enriquecer ou de vos destruir, que loucura e que cegueira é cuidar que podeis ter bens algum, nem vós nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deus?” (VERDASCA, 2011, p. 46).

A emoção que Vieira quis despertar nos ouvintes, claramente, são o medo e o sentimento de pequenez ante um algo muito maior. Por fim, Aristóteles recomenda que o orador recapitule o que foi exposto e conclua com uma expressão assindética. Em Antônio Vieira, tal ação é substituída por uma oração.

Considerações finais

Aristóteles, com sua *Retórica* sintetizou conhecimentos até então transferidos pelos Sofistas por meio de suas aulas. Além de ter sido fundamental para aquele momento, o autor legou a todos os estudantes do

assunto uma poderosa ferramenta. Vimos neste artigo os principais aspectos dessa publicação na obra *Sermão da Primeira Dominga de Quaresma* de Antônio Vieira. Além de acrescentar nossa leitura à obra de Aristóteles, foi nosso objetivo oferecer aos leitores ferramentas para melhor compreensão do texto pertencente ao padre jesuíta.

Os caminhos, a partir de nossa análise, que podem ser tomados são muitos. A obra de Aristóteles, por exemplo, pode receber leitura destinada à compreensão de outros textos. Quanto a Antônio Vieira, podemos aplicar mais fundamentos da *Retórica* em sua vasta obra. É possível levar em consideração o *ethos* do autor, ou mesmo explorar os outros aspectos do livro III que neste artigo foram deixados de lado, mas têm sua importância.

Nosso desejo principal aqui é fomentar nos leitores o desejo de questionar os itens mencionados. Como dito, já no resumo, objetivamos encontrar novas ramificações para o assunto proposto inicialmente a fim de trabalhá-los no futuro.

Referências

ALEXANDRE JUNIOR, Manuel. Introdução. In: MESQUITA, Antonio Pedro (Coord.). **Aristóteles**. Obras completas. Retórica. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Junior; tradução e notas de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. IX-XI.

ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio de Marcia Helena da Rocha Pereira, tradução e notas Ana Maria Valente – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

MESQUITA, Antonio Pedro (Coord.). **Aristóteles**: Obras completas. Retórica. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Junior; tradução e notas de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

PINTO, Rodrigo Gomes de Oliveira. **Entre borrões e cadáveres**: os sermões da Dominga de Quaresma de Vieira. São Paulo, 2009.

VERDASCA, José (Org.). **Sermões Escolhidos**: Padre Antônio Vieira. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.